

Comunicação Política e Económica

Dimensões Cognitivas e Discursivas

Organizadores

Augusto Soares da Silva

José Cândido Martins

Luísa Magalhães

Miguel Gonçalves

Publicações da Faculdade de Filosofia

Universidade Católica Portuguesa

BRAGA 2013

Ficha Técnica

Título: **Comunicação Política e Económica**
Dimensões Cognitivas e Discursivas

Organização: Augusto Soares da Silva · José Cândido Martins
Luísa Magalhães · Miguel Gonçalves

Edição ALETHEIA – Associação Científica e Cultural
Distribuição Faculdade de Filosofia
e Venda: Universidade Católica Portuguesa
Praça da Faculdade de Filosofia, 1
4710-297 BRAGA
Tel. 253 208 080 / Fax 253 213 940
www.publicacoesfacfil.pt

Tiragem: 150 exemplares
Dezembro 2013

© *Todos os direitos reservados*

Design da capa: Whatdesign, Lda. - Braga

Execução gráfica: Graficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelo - Amares

Depósito Legal: 367512/13

ISBN: 978-972-697-213-6



O conteúdo dos artigos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

A discursivização do conceito da *troika* em artigos da imprensa escrita portuguesa: um espelho do que a *troika* é para nós?

Alexandra Guedes Pinto e Isabel Margarida Duarte

Abstract

Media discourse simultaneously reflects and shapes the social environment in which it operates and is therefore an ideal starting point to evaluate ideological positions on a specific subject. Thus, the objective of this article is to examine how the Portuguese press (especially opinion articles, humorous articles, and cartoons) is currently dealing with the concept of 'troika', the word used to designate the International Monetary Fund, the European Central Bank and the European Union. Two corpora were built for this purpose covering the period between the arrival of the troika in Portugal and the present day, and all the occurrences of the lexeme 'troika' were identified and then analyzed through a semantic-pragmatic examination of predicators, their arguments, and their respective semantic roles. The analysis led to the conclusion that 'troika' appears in the corpora as an agentive entity that controls and triggers changes in an affected entity, generally identified as 'the Portuguese government / the Portuguese State / the Portuguese'. In the humorous texts, it is not the lexeme 'troika' which usually triggers humor, but rather some linguistic aspect unrelated to it. This observation led to the hypothesis that, in the time span analyzed, the matter was faced as either too serious or too worrying to be laughed at. In other words, neither the Portuguese public opinion nor opinion makers had yet acquired the sufficient critical distance that would allow them to have a more liberating view of the matter.

Keywords: analyses, arguments, media discourse, semantic roles, semantic-pragmatic, troika

1. Introdução

Neste trabalho propusemo-nos abordar alguns aspetos da forma como atualmente a *troika* – enquanto termo usado para designar a entidade fiscalizadora das economias europeias em recessão, constituída por representantes do Fundo Monetário Internacional, do Banco Central Europeu e da União Europeia – surge espelhada no discurso dos media portugueses. Para proceder a este estudo, constituímos dois *corpora*, que visaram estudar as ocorrências do lexema *troika* em dois tipos de discurso da imprensa escrita: o discurso de opinião – *corpus1* e o discurso humorístico de *cartoons* e crónicas humorísticas – *corpus2*.

O *corpus1* é composto por um conjunto de 30 artigos de opinião recolhidos de vários meios de referência da imprensa escrita, tais como o jornal *Expresso*, a revista *Visão*, o *Jornal de Negócios*, entre maio e setembro de 2012. O *corpus2*, composto por 62 crónicas de Ricardo Araújo Pereira, da revista *Visão* e por 71 *cartoons* da rubrica

“Sociedade Anónima”, de Luís Afonso, do *Jornal de Negócios*, mais alguns *bartoons*¹ avulsos do *Público*, teve intervalos temporais de recolha diferentes,² relacionados com a necessidade de constituir um *corpus* relevante para o efeito. O filtro semântico que aplicámos na recolha foi o de que todos os textos abordassem a temática da *troika*.

2. O lexema *troika* em artigos de opinião

Assim, no que concerne ao *corpus*¹, verificamos a ocorrência de 34 atualizações do lexema *troika*, cuja análise cotextual executámos. Uma das primeiras conclusões que pudemos extrair foi relativa ao comportamento sintático-semântico deste argumento nos enunciados em que ocorre, tendo verificado algumas recorrências nos papéis semânticos ou temáticos³ que a expressão nominal *a troika* assume no interior dos SV's ou dos SN's.⁴ Foi nosso objetivo, com esta análise, comprovar como a estrutura argumental de um dado predicador e os papéis semânticos que ele atribui aos seus argumentos têm consequências para a configuração semântico-pragmática de um dado estado de coisas.

Através dessa análise, verificámos que existe um movimento global de personificação da entidade *a troika* e de recorte do seu perfil como entidade [+ dinâmica], [+ controladora], [+ causadora de uma transformação].

2.1. *A troika* como AGENTE

Quando nos *corpora* a expressão *a troika* surge como sujeito de uma frase, assume tipicamente o papel semântico de AGENTE, correspondente a um argumento [+ humano], muitas vezes como sujeito de verbos *dicendi* ou de atividade verbal (*avisar, concluir, elogiar, sugerir, exigir, impor*); de verbos de experiência cognitiva, percetiva e comportamental (*reconhecer, ter intenção de, comportar-se, avaliar, impor*,

1. *Bartoon* é o nome do *cartoon* de Luís Afonso no jornal *Público*, um neologismo que resulta de um jogo de palavras entre *bar* (o local onde se situam os locutores) e *cartoon*.

2. As crónicas foram recolhidas entre 19.05.2011 e 13.09.2012. Os *cartoons* entre 16.06.2012 e 14.09.2012.

3. Retomamos a definição de Cançado (2005: 26): “Papéis temáticos serão definidos como sendo um grupo de propriedades semânticas derivadas dos acarretamentos das proposições em que esse papel se encontra, usando para tal procedimento a ideia da composicionalidade na atribuição das funções semânticas.”

4. Tomámos como principais referentes teóricos para a nossa análise da estrutura argumental e papéis temáticos ou semânticos: Dowty (1991), Fillmore (1968), Jackendoff (1983, 1987, 1990).

visitar, tomar a iniciativa, desviar a cara) e ainda de verbos causativos de mudança de estado e causativos coercitivos (*transformar, impor, exigir*).

De relevar, ainda, que *a troika* é sempre apresentada como uma expressão referencial definida, integrada na sequência Det Art Def + N, sendo que o nome *troika* quase nunca ocorre em maiúscula.

Esta individuação implícita que a entidade *a troika* é apresentada como um referente discursivo familiar e partilhado pelo interlocutor, colocando a temática, logo à partida, num patamar de importância e partilha indiscutível pela comunidade discursiva-alvo.

Para exemplificar o que dissemos, vejamos exemplos como os seguintes:⁵

- (1) *A troika bem avisou que um dos problemas mais graves do país era a dificuldade de despedir [...].*
- (2) *Esse é sempre, como reconhece uma vez mais a troika, o preço a pagar [...].*
- (3) *É, por isso, necessário, conclui a troika, que se flexibilizem mais ainda os despedimentos [...].*
- (4) *Uma crise à qual a troika continua a desviar a cara, numa lógica circular [...].*
- (5) *Como será também verdade que Passos Coelho já teve tempo de perceber o erro que cometeu ao querer fazer mais do que lhe era exigido pela troika.*
- (6) *Veremos o que vai ser o Orçamento de 2013 e como se comportará a troika nos próximos dias.*
- (7) *A troika – que nos transformou num protetorado – elogiou o Governo. Pudera.*
- (8) *[...] não tem que ser impossível ambicionar que a troika venha sugerir aquilo que o Governo não pode pedir.*
- (9) *Não tanto porque a receita imposta pela troika fosse uma revelação milagrosa [...].*
- (10) *E é no meio desta falta de sentido de Estado [...] que nos visita, nesta semana, uma delegação da troika [...].*
- (11) *Àquele ponto em que a troika tomará a iniciativa de suavizar o calendário [...].*
- (12) *Quem esperava ouvir da troika uma qualquer alteração de discurso [...].*

5. É de salientar que, em sede de discurso - como bem sabem todos os que trabalham com discurso -, nem sempre as frases ocorrem na ordem SVC, pelo que, nos exemplos registados, vemos enunciados em que *a troika* não está a funcionar no papel sintático de sujeito, embora mantenha, segundo a nossa análise, a qualidade de AGENTE.

Veja-se como, nos vários exemplos registados, *a troika* conserva efetivamente os traços semânticos prototípicos do AGENTE, sendo sempre configurada como uma entidade [+ humana], [+ racional], responsável por atos de cognição reflexivos tais como *reconhecer* e *concluir*: (2) “*Esse é sempre, como reconhece uma vez mais a troika, o preço a pagar [...]*”; (3) “*É, por isso, necessário, conclui a troika, que se flexibilizem mais ainda os despedimentos [...]*”, sendo de relevar que o predicador *concluir* neste exemplo (3) tem no seu escopo uma completiva com valor deôntico expresso por “*é necessário*” que simultaneamente revela a forma como o AGENTE se posiciona em relação àquilo que diz – o que diz tem caráter de imposição, de obrigação – e a forma como se posiciona em relação àquele para quem diz, revelando a sua posição de autoridade em relação ao seu interlocutor.

Este AGENTE é, aliás, uma entidade conhecedora e avisada, detentora de poder e legitimidade para formular atos ilocutórios diretivos de sugestão e advertência, como são os casos dos exemplos (8) “*a troika venha sugerir*” e (1) “*a troika bem avisou*”, mas, sobretudo, atos ilocutórios diretivos mais impositivos e coercivos de exigência e de imposição, como são os casos dos exemplos (5) “*o que lhe era exigido pela troika*” e (9) “*a receita imposta pela troika*”, colocando-se assim sempre numa posição de autoridade e superioridade sobre o alvo dos predicadores em análise ou seja sobre o recetor dos atos diretivos formulados.

Um outro aspeto a destacar é o de que várias formulações linguísticas presentes nos exemplos acima remetem para a ativação de uma pressuposição de repetição ou de situação continuada: (2) “*reconhece uma vez mais a troika*”; (4) “*Uma crise à qual a troika continua a desviar a cara.*”; (1) “*a troika bem avisou*”, avançando com o recorte de um AGENTE seguro das suas posições e persistente nas suas ações, mesmo quando estas não são vistas como muito positivas, como acontece no exemplo (4) “*Uma crise à qual a troika continua a desviar a cara.*”

Em alguns enunciados *a troika* assume papel de CO-AGENTE:

- (13) *Os partidos que querem cumprir o acordo com a troika [...].*
- (14) *[...] viabilizar medidas governativas que permitam ao Governo negociar o mais favoravelmente possível com a troika [...].*
- (15) *[...] promete deixar o País longe da meta a que se comprometeu com a troika [...].*

No entanto, uma análise mais fina permite-nos perceber que este papel simula alguma simetria de lugares discursivos e sociais que é meramente aparente.

Note-se que há diferenças no grau de *agentividade* entre o governo e a troika nas soluções com sujeito coordenado e na solução descontínua, em que um dos argumentos é realizado através do SP *com...*, não sendo consensual entre os teóricos que na versão descontínua o argumento mantenha todas as qualidades de PROTO-AGENTE (Dowty 1991: 586):

- (i) O Governo e a troika negociaram.
- (i') O Governo negociou com a troika.
- (ii) O Governo e a Troika comprometeram-se [...].
- (ii') O Governo comprometeu-se com a troika [...].
- (iii) O Governo e a troika acordaram [...].
- (iii') O Governo acordou com a troika [...].

A não-sinonímia entre os pares de frases acima é relevante para a nossa análise. É certo que na solução em que *a troika* não surge a funcionar como sujeito, todas as qualidades de AGENTE são assumidas pela entidade *o governo* (*controle, intencionalidade, dinamismo*), mas também é verdade que a deslocação de *a troika* para o argumento encabeçado pela Prep *com*, lhe confere o poder de ratificação final da negociação, do acordo, do compromisso desenvolvidos.

Afinal, quem está na posição mais baixa nesta distribuição de papéis?

2.2. A troika como BENEFICIÁRIO

Um outro dos papéis semânticos que a expressão nominal *a troika* assume é a de BENEFICIÁRIO ou ALVO:

- (16) [...] as contas do IVA estavam feitas e refeitas, entregues à troika [...].
- (17) [...] deixar à troika a decisão de aliviar a pressão [...].
- (18) [...] deixar à troika o papel de concluir que tínhamos de abrandar o nível de esforço.

Nestes casos, *a troika*, o BENEFICIÁRIO dos processos, fica, na sequência dos mesmos, *na posse de, no poder de* dispor dos bens, materiais ou não, que lhe foram confiados. Saiu do seu papel semântico de AGENTE mas continua a ser, no final, uma entidade também agentiva, pois mantém o controlo sobre os processos descritos pelos predicadores, detendo poder sobre os bens e as decisões que lhe são entregues.

2.3. A troika como PACIENTE

Em casos mais residuais, o papel semântico ou temático do argumento *a troika* conhece outras modulações, que a seguinte frase, em que *a troika* passa do papel de AGENTE para o papel de PACIENTE, torna muito visível:

(19) [...] *mais do que avaliações da troika está na hora de fazer avaliações à troika.*

Através de uma formulação sintática simétrica *Sofrer avaliações da troika / Fazer avaliações à/da troika*, recorta-se a tentativa de inverter os lugares discursivos e os papéis sociais dos actantes deste processo, no fundo, conducente à reversão da hierarquia implícita nesta relação.

×	SOFRER AVALIAÇÕES	DA TROIKA	/	×	FAZER AVALIAÇÕES	À TROIKA
PACIENTE	PROCESSO	AGENTE		AGENTE	PROCESSO	PACIENTE

Esta mudança encontra-se estruturada em torno de um eixo temporal expresso no predicador da frase *está na hora*, que baliza um ANTES e um DEPOIS.

Nas crónicas mais recentes, verificamos alguns outros casos em que a entidade *a troika* desempenha este papel de PACIENTE:

(20) [...] *a troika [está] mais dialogante.*

(21) [...] *a troika cede a supostos impulsos culturais laxistas de um país do Sul [...].*

Note-se que esta mudança de perspetiva semântico-pragmática que envolve a passagem da entidade *a troika* de AGENTE para PACIENTE surge, mais uma vez, em enunciados que relatam mudanças de estado – ou seja transformações – por parte desta entidade. Estas mudanças de estado ficam expressas na semântica aspectual do verbo *ceder* – que concentra o valor aspectual do auxiliar *deixar de*, neste caso, *deixar de colocar resistência a*, que implica *interrupção, desistência, sujeição*; e na semântica do estativo *estar mais* que implica claramente uma mudança de estado vinculada a um Antes e a um Depois:

ANTES	×	DEPOIS
ESTAR MENOS DIALOGANTE	×	ESTAR MAIS DIALOGANTE

Estas predicações configuram, por isso, evoluções importantes no recorte semântico-pragmático da entidade em análise.

Reconhecemos aqui também os dois valores ilocutórios principais que estes textos de opinião veiculam: o valor ilocutório de crítica e censura e o valor ilocutório diretivo de incitamento e exortação, no caso específico em apreciação, valor diretivo de exortação à mudança.

Quando *a troika* integra um SN, os seus papéis semânticos reproduzem os que identificámos até aqui, surgindo, maioritariamente, ora no papel de AGENTE (*os ditames da troika; o exame da troika; o memorando da troika; a receita da troika*); ora no papel de CO-AGENTE (*o acordo com a troika*); ora, ainda, no papel de POSSUIDOR (*as intenções da troika; as prioridades da troika; esta terra da troika; a ortodoxia da troika*).

2.4. *A troika nos causativos léxicos*

Alguns dos verbos vistos acima, ocorrentes nos enunciados com a expressão nominal *a troika*, são de natureza causativa léxica, ou seja compreendem na sua configuração semântica o complexo de sentido em que uma dada entidade CAUSADORA impulsiona uma mudança que afeta uma entidade PACIENTE. Trata-se de configurações linguísticas dinâmicas porque envolvem sempre uma transição de estados, uma mudança. Resumem-se na fórmula FAZER SER ou ESTAR. Veja-se, a título de exemplo, o caso de *transformar* (FAZER PASSAR A SER), no enunciado (22):

(22) *A troika – que nos transformou num protetorado – elogiou o Governo. Pudera,*

Os causativos léxicos são configurações sintático-semânticas adaptadas ao recorte da entidade *a troika* e da relação entre *a troika* e o Estado português / o governo português / os portugueses, na medida em que exprimem, de forma concentrada, que um dado AGENTE – no caso, *a troika* – impulsiona uma mudança de estado que afeta um PACIENTE – no caso corrente, o Estado português / o governo português / os portugueses. Desde causativos existenciais, como *transformar* (FAZER PASSAR A SER), causativos experienciais ou cognitivos como *avisar* (FAZER SABER) a causativos coercitivos como *impor* (OBRIGAR A FAZER), *exigir* (OBRIGAR A DAR) que configuram uma causatividade específica, conducente a resultados positivos (ao contrário, por exemplo, de *evitar*, *impedir*), a causatividade léxica está fortemente representada no discurso dos media sobre *a troika*, o que é válido para os dois tipos de textos que analisamos neste trabalho.

Se olharmos para o recorte da interação entre os participantes destes enunciados, verificamos que cada um destes predicados remete para um jogo de

influências recíprocas entre os actantes. Aplica-se aqui o que Joaquim Fonseca (1999) descreveu para a dinâmica de forças dos predicados de sentimento:

[...] Ter-se-á a este propósito ainda em conta que a “presença/intervenção de B em A” não se fará, em tese, sem alguma resistência da parte deste último, que verá o seu território ameaçado de invasão – ou a sua face (positiva ou negativa) em risco de, no todo ou em parte, ser afectada. (Fonseca 1999: 243)

Em todos os verbos causativos ocorrentes se torna particularmente saliente a dinâmica de forças polarizada em torno dos termos *causação* / *resistência* e *antagonista* / *agonista* (Fonseca 1999). Aquele que causa, invade e afeta o território do Outro, o que sofre os efeitos dessa invasão e dessa afetação. Sofre-a na realidade, sofre-a nas representações discursivas.

Na verdade, mesmo nos casos em que este AGENTE CAUSADOR (o mais dinâmico de todos, do ponto de vista semântico) se transforma em CO-AGENTE ou em BENEFICIÁRIO, os contextos em que surge fazem com que ele não perca nunca uma parte da sua *agentividade*, uma vez que participa também dos processos, ratificando-os, tendo sobre eles a decisão final.⁶

Como poderemos comprovar no apartado seguinte, é, de alguma forma, surpreendente que o discurso humorístico que analisámos no nosso trabalho, no lapso temporal em causa, não aproveite o seu estatuto para se tornar uma forma de o afetado reagir a esta constante afetação, ajudando a exorcizar o jogo de forças vigente.

3. O lexema *troika* em textos humorísticos

A circulação discursiva do lexema *troika* passa obviamente pelos textos humorísticos, uma vez que eles são campo fértil para o tratamento de temas que traduzem os problemas reais dos sujeitos. O ato humorístico está presente em diversos tipos e géneros discursivos, e o seu estudo implica a análise da respetiva situação enunciativa, dos temas sobre que versa, dos processos linguísticos envolvidos e dos efeitos que produz no auditório (Charaudeau 2006). Quando pensamos estudar o uso do lexema *troika* também em textos humorísticos, nomeadamente em crónicas e *cartoons*, acreditávamos que iríamos encontrar inúmeras ocorrências, o que não veio a verificar-se.

6. Como se torna visível, projeta-se sobre a nossa análise semântico-pragmática o conhecimento do mundo e as representações que fazemos em torno desta entidade *a troika* e das relações e jogos de poder e de influência em que esta se inscreve.

Para fazermos uma primeira análise exploratória do funcionamento da palavra em discursos humorísticos, organizámos o *corpus*² já atrás referido, composto por 62 crónicas de Ricardo Araújo Pereira, 71 *cartoons* de Luís Afonso, do *Jornal de Negócios*, mais alguns *bartoons* avulsos do *Público*.

Percorrendo as crónicas de Ricardo Araújo Pereira, encontramos 18 ocorrências do lexema, concentradas em 7 crónicas, menos do que prevíamos. Estamos, nessas ocorrências, perante usos do lexema que não se desviam muito da descrição feita na primeira parte deste texto.

A *troika* dos exemplos elencados é mesmo o conjunto dos representantes da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional, entendida como espécie de entidade abstrata personificada, caracterizável pelo mesmo tipo de estrutura argumental acima referida. Para compreendermos como o humor funciona, é importante analisarmos a imagem que o locutor projeta do alvo. A *troika* das ocorrências analisadas é uma instância produtora de discursos de autoridade (“a *troika* bem avisou”, “a *troika* terá manifestado abertura”, “a *troika* diz que”, etc.) e caracteriza-se pelos traços abaixo elencados, que configuram um *script* de um país em crise económica, controlado por entidades externas, encaixando, nas ocorrências destes textos, na mesma descrição argumental acima feita.

Segundo a imagem veiculada pelos textos analisados, a *troika* é sobretudo AGENTE:

a) impõe uma austeridade dura:

- (23) *À austeridade da troika acrescentou-se a austeridade do Governo*
- (24) *Obriguem-no a aguentar as medidas da troika até ao fim*
- (25) *Portugal aplicou as medidas de austeridade da troika e ainda acrescentou algumas da sua própria autoria*
- (26) *O acordo com a troika tem aspetos muito negativos*

b) é uma instância sensata, conseguindo prever o futuro:

- (27) *A troika bem avisou que um dos problemas mais graves do País era a dificuldade de despedir gente na função pública.*

c) é severa e rígida, mas talvez capaz de manifestar abertura e condescendência:

- (28) *A Troika terá manifestado abertura para que o memorando seja adaptado à realidade*

d) a sua avaliação condiciona a nossa vida e o nosso futuro enquanto país:

(29) *Que esperas da avaliação da troika?*

e) é toda poderosa fazendo acordos (com um papel argumental de CO-AGENTE), mas impondo condições:

(30) *Os partidos que querem cumprir o acordo com a troika são todos iguais*

(31) *Um partido que se propõe rechaçar os ditames da troika*

Há, tendo em conta os exemplos analisados, dois casos típicos: os enunciados que contêm estas ocorrências geram efeitos cómicos, mas devido a algum jogo linguístico ou enunciativo só compreensível no contexto mais alargado; ou o enunciado em que o lexema aparece nem sequer contribui para gerar o efeito de cómico, que se origina num mecanismo linguístico-discursivo alheio a esse enunciado. Ou seja, não é a palavra *troika* que faz disparar o humor, operando uma disjunção de duas isotopias (Adão 2008) nem ela participa, sequer, no enunciado que gera o humor, salvo, talvez, em dois casos, obviamente irónicos⁷ (no sentido que ironia tem para Rabatel (2013), isto é, deixando perceber “[...] ne serait-ce qu’*in absentia*, l’existence d’une position haute à partir de laquelle la raillerie s’autorise” (2013: 38):

(32) *A troika diz que a culpa é do governo, e a troika tem sido tão boa para nós desde o início que não há razão para acreditarmos que esteja a mentir.*

Na ironia, presente no exemplo (32), “[...] est opérée une discordance entre ce que pense le sujet parlant et ce que dit le sujet énonçant: l’énonciateur dit quelque chose de contraire à ce qu’il pense (c’est l’antiphrase), mais en même temps, il veut faire entendre ce qu’il pense.” (Charaudeau 2006: 5). O enunciador pensa que a *troika* tem sido má para os portugueses, mas diz o contrário disso, dando, no entanto, a entender qual a sua verdadeira opinião. Na dupla enunciação típica da ironia, o ponto de vista do locutor nega o ponto de vista explícito segundo o qual “a troika tem sido tão boa para nós”, identificando-se com um outro, implícito, que defende o contrário disto (cf. Rabatel 2013).

7. É também a *troika* o alvo da ironia no *Bartoon* de Luís Afonso do *Público* de 26.11.2011 em que, tal como no exemplo (19), assume papel de PACIENTE: “Ou seja, quando se fala de ajuda externa, somos nós que vos estamos a ajudar, é isso?” (“nós”, os portugueses, “vos”, à *troika*).

Frequentemente, o mecanismo que gera o humor está noutro enunciado do texto, diferente daquele onde se insere o lexema *troika*, como veremos.

3.1. Análise de alguns exemplos humorísticos



Jornal de Negócios, 29.08.2012

Em (33), o humor resulta da polissemia de “avaliação”, de o lexema pertencer a duas isotopias: a avaliação escolar e a avaliação que a *troika* faz do nosso desempenho económico. Como não se esperam resultados brilhantes do aluno que é Portugal, daí a resposta de que a classificação será a mínima possível para uma admissão à prova oral.



Jornal de Negócios, 06.09.2012

Neste caso, o humor resulta do duplo valor semântico de “realidade” na expressão “adaptar (alguma coisa ou alguém) à realidade” e no binómio realidade / ficção, apontando a dificuldade dos portugueses em lidarem com realidades difíceis, já que se lhes atribui a característica de preferirem o alheamento no reino da ficção e do irreal. Há uma visão autoirónica dos portugueses e não é a *troika* a ignição para o cómico, que se relaciona, nestes exemplos, com algumas das características apontadas na composição semântica do lexema *troika* enquanto AGENTE – avalia o nosso comportamento e pode abrandar a dureza das medidas impostas se nos comportarmos como sugerido – embora o humor não seja gerado por essas características.

Os exemplos retirados das crónicas de Ricardo Araújo Pereira são de outro tipo, porque, sendo a crónica um texto mais longo que o *cartoon*, o humor está disseminado em vários pontos do texto e em diferentes mecanismos linguísticos, pelo que não é possível circunscrevê-lo ao uso do lexema *troika*. Vejamos um exemplo:

(35) *O homem-lapso*

No momento em que escrevo, Miguel Relvas ainda não se demitiu. Talvez no lapso de tempo que decorre entre a escrita deste texto e a sua publicação, ocorram outros lapsos que o obriguem a demitir-se. Mas não parece provável. Nem, devo dizer, necessário. Um número relativamente alargado de pessoas exige uma demissão, ignorando que já houve várias. Ricardo Alexandre deixou de ser director-adjunto da RDP, Maria José Oliveira deixou de ser jornalista do Público e Fernando Santos Neves deixou de ser reitor da Lusófona do Porto. Quase todos os envolvidos nestes casos abandonaram as suas funções, menos Relvas. A troika bem avisou que um dos problemas mais graves do País era a dificuldade de despedir gente na função pública. Agora é possível apostar, na internet, no momento que Relvas escolherá para se demitir. É dinheiro deitado à rua. O mais provável é que todo o povo português se demita antes de Miguel Relvas. (Visão, 26.07.2012)

Neste excerto, há a personificação da *troika*, que assume papel de AGENTE, entidade a quem é atribuída a capacidade de nos prevenir e avisar. Mas o cómico decorre, por exemplo, do jogo polissémico entre funções públicas (as que o Ministro Relvas desempenha) e função pública no singular, como colocação, isto é, uma unidade léxica de dois elementos funcionando juntos, com um sentido diferente da soma dos significados de cada um deles: função pública é o conjunto dos funcionários do Estado, sobre os quais a *troika* se pronunciou, prevendo que despedir parte dos seus efetivos iria ser de difícil concretização. Mas este é apenas um dos aspetos pontuais de desencadeamento do humor nesta sequência (e, se tivéssemos em conta todo o texto, haveria ainda muitos outros elementos linguísticos desencadeadores de humor, quer ao nível da formação neológica de palavras “homem-lapso”, quer de figuras como a hipérbole e a ironia, entre outros).

O último exemplo, sobre as eleições na Grécia, aliás paradigmático do que ocorre nas crónicas de Ricardo Araújo Pereira, mostra de novo como não é do uso do lexema *troika* que decorre o humor, mas este é gerado em vários pontos do texto, por diferentes mecanismos linguísticos como o paradoxo, o paralelismo e o quiasmo mais ou menos perfeito (“O resultado é que os partidos favoráveis ao acordo queriam coligar-se mas não podem, enquanto os que se opõem à *troika* poderiam coligar-se mas não querem. Os que querem formar Governo não têm votos suficientes para o fazer, e os que têm não querem governar.”, “na Grécia o voto é obrigatório, mas as pessoas podem não ir votar, que ninguém as obriga”).

(36) *O tûmulo da democracia*

Os partidos que querem cumprir o acordo com a troika são todos iguais, mas os partidos que são contra o memorando são-no cada um à sua maneira. É Tolstoi aplicado à economia política. O resultado é que os partidos favoráveis ao acordo queriam coligar-se mas não podem, enquanto os que se opõem à troika poderiam coligar-se mas não querem. Os que querem formar Governo não têm votos suficientes para o fazer, e os que têm não querem governar. Entretanto, na Grécia o voto é obrigatório, mas as pessoas podem não ir votar, que ninguém as obriga. Curiosamente, este sistema está com dificuldade em chegar a uma conclusão em relação ao futuro do país. (Visão, 27.05.2012)

A situação política paradoxal da Grécia é assim parodiada pelo modo como dela se fala. O paradoxo é reforçado, para terminar esta breve alusão, porque, se um enunciador sério nos diz, como esperaríamos, que “este sistema está com dificuldade em chegar a uma conclusão em relação ao futuro do país”, um outro enunciador, irónico, acrescenta, à esquerda da asserção, o advérbio “curiosamente”, cujo conteúdo contraria o que o senso comum poderia opinar sobre o assunto. Quiasmos, paradoxos e antíteses (“o tûmulo da democracia” em vez de o berço da democracia...) são a homologia linguística da realidade para que as palavras remetem.

4. Conclusão

Foi possível verificar, a partir dos *corpora* estudados neste trabalho, que a estrutura argumental e as funções semânticas desempenhadas pelo lexema *troika* nos textos jornalísticos de opinião ditos sérios e nos humorísticos manifestam uma grande semelhança de comportamento. A entidade *a troika* surge maioritariamente no papel de AGENTE nos enunciados em que ocorre, um AGENTE CAUSADOR que impulsiona uma mudança afetadora de um PACIENTE, invariavelmente, o Governo português, o Estado português ou os portugueses. Mesmo quando assume, no enunciado, outros papéis temáticos, tais como os de ALVO ou POSSUIDOR, *a troika* mantém a propriedade semântica [+ controle], que lhe confere sempre algum grau de agentividade sobre o processo.

Sabendo que os mecanismos linguísticos geradores de humor devem sempre ser estudados em unidades superiores ao lexema, foi possível reconhecer nos textos humorísticos da amostra que, salvo duas exceções devidamente assinaladas no apartado 3 do trabalho, o humor não é gerado nem pelo uso da palavra *troika* nem pelos enunciados em que ela se integra. Este facto, relevante para a nossa análise, já que o texto humorístico de imprensa deveria ser justamente o veículo de subversão do estado de coisas vigente, levou-nos a concluir que o assunto envolvido é provavel-

mente demasiado sério e preocupante para dele nos rirmos. Sendo o humor, segundo Charaudeau (2006: 12), um jogo, uma estratégia lúdica “[...] de la part d’un «Je» vis-à-vis d’«un autre», de façon à produire un effet de connivence entre son auteur et celui à qui il s’adresse, afin de suspendre, l’instant du jeu, l’angoisse de la fatalité du monde”, então, os portugueses não tinham ainda conquistado, em relação à *troika*, na época em apreço neste estudo, uma distância suficiente, que lhes permitisse encontrar a estratégia libertadora necessária, capaz de suspender a angústia coletiva.

Referências

- Adão, Teresa (2008). *O lado sério do humor – uma perspectiva sociolinguística do discurso humorístico*. S/l: Editorial Novembro.
- Cançado, Márcia (2005). Posições argumentais e propriedades semânticas. *DELTA* 21 (1), 23-56. São Paulo: PUC.
- Charaudeau, Patrick (2006). Des catégories pour l’humour. *Revue Questions de communication* 10. Nancy: Presses Universitaires de Nancy. Acedido em 12 janeiro de 2013 em <http://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour.html>
- Dowty, David (1991). Thematic proto-roles and argument selection. *Language* 63 (3), 547-617. Baltimore: Linguistic Society of America.
- Fillmore, Charles J. (1968). The Case for Case. In: E. Bach e R. Harms (eds.), *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Fonseca, Joaquim (1993). Verbos simétricos. In: *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Editora, 127-147.
- Fonseca, Joaquim (1999). Aspectos centrais da semântica-sintaxe e pragmática dos predicados de sentimento. *Diacrítica* 13-14, 237-278. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.
- Godoy, Luísa (2010). A semântica da dupla realização argumental dos verbos recíprocos. *Revista do Gel* 7 (1), 95-115. São Paulo: Humanitas/Contexto.
- Jackendoff, Ray (1983). *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press.
- Jackendoff, Ray (1987). The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory. *Linguistic Inquiry* 18, 369-411. Cambridge: MIT Press.
- Jackendoff, Ray (1990). *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press.
- Rabatel, Alain (2013). Humour et sous-énonciation (vs ironie et sur-énonciation). *L’information grammaticale* 137, 36-42.